

# OLHARES QUE SE CRUZAM: A INSERÇÃO NO CAMPO DA PESQUISA EDUCACIONAL<sup>147</sup>

---

*EYES THAT MEET: THE INSERTION IN THE FIELD OF EDUCATIONAL RESEARCH*

Alcides Leão Santos Júnior<sup>148</sup>

## INTRODUÇÃO

Os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença. (FREIRE, 1996, p. 60)

Desde os primórdios, acredita-se que, a capacidade de estabelecer a comunicação (articulação entre o pensamento e a linguagem) é o diferencial entre o humano e as demais espécies vivas. É partindo desta compreensão que o homem vive uma constante busca pelo conhecimento de si e para si, e nesse intervalo surge uma ciência que estuda o humano enquanto um ser social, biológico e cultural – a Antropologia.

---

<sup>147</sup> Artigo pensado para conclusão da disciplina Etnografia e Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Universidade Federal da Bahia (UFBA), no semestre letivo de 2009.2, ministrada pelo Prof. Dr. Álamo Pimentel.

<sup>148</sup> Pedagogo, Mestre em Ciências Sociais (UFRN), Doutorando em Educação (UFBA), professor da área de Fundamentos da Educação, do Curso de Enfermagem, do *Campus* do Seridó, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e pesquisador do Grupo de Estudo e Pesquisa do Pensamento Complexo (UERN), Grupo de Pesquisa Cultura, Política e Educação (PPGCS/UFRN) e do FORMACCE - Currículo, Complexidade e Formação (PPGED/UFBA). Contato: alcidesleao@uern.br.

Como uma das mais recentes ciências, a Antropologia nasce no início do século XIX, com a tarefa de incitar o registro para a posteridade do imenso conteúdo das culturas de determinados locais. Assim, os primeiros antropólogos utilizaram-se dos relatos de viagens, das cartas e diários dos viajantes, missionários e comerciantes para compreender a diversidade e diferenciação dos diferentes povos.

Enquanto uma ciência social, a Antropologia estuda e pesquisa as semelhanças e diferenças culturais entre os vários agrupamentos humanos, assim como a origem e a evolução de culturas. Utilizo este termo no plural por entendê-lo como polissêmico e capaz de permitir a transversalidade de olhares porque ela é movimento. Talvez esta seja uma das grandes contribuições do pensamento antropológico para a humanidade: o olhar para o “outro” para o “nós” com toda a singularidade que ele representa.

Na solidez da construção da Antropologia enquanto ciência, o método etnográfico é apontado como o possibilitador de “[...] uma interação, de intervenção e de participação construída sobre a premissa da relativização na qual o tema da interpretação desponta como central” (ROCHA, 2005, p. XX). Imagino, então que toda ação pelo conhecimento se faz através da inter/ação entre o indivíduo com o objeto cognoscente através da (de)codificação de símbolos ou sinais, elementos essenciais para a comunicação. Dessa forma, entende-se que a linguagem é a “[...] encruzilhada essencial do biológico, do humano, do cultural, do social. A linguagem é uma parte da totalidade humana, mas a totalidade humana está contida na linguagem” (MORIN, 2003, p. 37).

Tendo em vista que o trabalho de um etnógrafo é o de traduzir o que os outros fazem, imagina-se que através das linguagens os humanos atribuem sentidos aos objetos na tentativa de estabelecer relações comuns. Esse processo de significação parte de uma convenção social e culturalmente aceitas e estabelecidas que, geram e regeneram significados através de um processo constante e mutável que permite a solidificação e a auto-organização da sociedade, numa relação que se define como complementar e antagonica, ao mesmo tempo.

Os seres humanos são dotados de estruturas e esquemas mentais que propiciam o desenvolvimento da linguagem. Mas cada ser humano, mesmo vivendo em grupo, experimenta e vivencia situações singulares que são frutos do seu nível de desenvolvimento e de aprendizagem. Todo ser humano é dotado de uma individualidade

que permite o surgimento e desenvolvimento da sua consciência. Essa é uma reflexão no sentido ótico do espelho que opera a duplicação do refletor e designa o retorno em circuito do espírito sobre si – via linguagem. Trata-se de uma ação individual e subjetiva.

Por estar num jogo constante em busca do ato de conhecer ela faz parte de outro jogo na busca pela verdade e pelo erro. Para tanto, ela necessita “[...] reconhecer sua natureza reflexiva e dialógica para reconhecer sua natureza subjetiva/objetiva” (MORIN, 2003, p. 113). O homem só atinge sua consciência ao entrar em contato com seus pares através do processo de ação-reflexão-ação. Talvez seja esse o diferencial dos escritos etnográficos.

A consciência é um produto da relação entre o racional e o vivido, entre a subjetividade e a objetividade, entre o pensamento e a linguagem e entre o eu e o nós. A “[...] consciência nada sabe do organismo, do cérebro, da sociedade, do mundo, das operações do pensamento. Nada sabe de si mesma” (MORIN, 2003, p.212). Então a consciência é bipolar e sem fronteiras em seus pólos, pois comporta novas interpretações a cada interação, que se faz através da vivencia do/com o dialogo. É com Freire (1996, 2006) que apreendi o conceito de sujeito dialógico que para o autor eles “[...] aprendem e crescem na diferença” (FREIRE, 1996, p. 60). Ainda diz Freire (2006, p. 43) que, ser dialógico é:

[...] não invadir, é não manipular, é não *sloganizar*. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o dialogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em seres “para outro” por homens que são falsos “seres para si”. É que o diálogo não pode travar-se numa relação antagônica.

Assim, compreende que o diálogo não é “[...] somente entre pessoas, mas entre tempos, imaginários, idéias, corpos, experiências, vozes, imagens diferentes. E deve ser

nessa, com essa e para essa diferença que deve acontecer o diálogo” (CALDAS, 1999, p. 100). Postula-se que o diálogo seja o desafio de unir noções aparentemente contraditórias que compõem o processo organizador da historicidade de um sujeito, que procura (re) juntar pensamentos ditos “contrários”, através da comunicação. Ele é um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados. É um ato amoroso, prazeroso, de partilhas, de (re)construção de histórias e experiências que busca, nas profundezas do olhar dos sujeitos, as obscuridades e as clarezas das cenas vividas e escondidas na (in)consciência. É uma situação gnosiológica.

Nessa perspectiva, um sujeito dialógico é um sujeito da contradição: um ser unidual, um duplo unificado, da racionalidade e da irracionalidade, do real e da ilusão. Enfim, um sujeito que vive o presente com o olhar no passado, para projetar o futuro. É com base nesses argumentos que parti ao encontro de sujeitos dialógicos para rememorar o movimento de criação da Sociedade Unificadora de Professores (SUP), no ano de 1947, na cidade de Salvador/BA. A proposta era, segundo Santos Júnior (2004, p. 24):

[...] pesquisar o Movimento das Professoras Primárias a partir do cruzamento de olhares, de interpretações e de subjetividades resultará na construção de uma escrita polifônica, que também consistirá da interação entre o pesquisador e os sujeitos. As Professoras Lúcia Barreto de Almeida Souza, Luzia Martins de Souza, Esmeralda Maria de Aragão, Claudemira Ribeiro de Moura e Clarice Fortuna apresentam-se como representantes do Movimento das Professoras Primárias que relataram, através de informações verbais, suas trajetórias e o itinerário do movimento [...].

Essa pesquisa constitui-se de uma inter/relação entre cultura e padrão de comportamento, pois ao verem seus vencimentos equiparados aos dos ASGs (Auxiliares

de Serviços Gerais) as professoras primárias do Estado da Bahia, no ano de 1947, viram a necessidade da criação de uma entidade representativa da categoria para lutar por seus direitos e unificar a categoria em todo o Estado com a criação de um Jornal informativo e a promoção de seminários e congressos.

Tendo a compreensão de que personalidade, interação e sociedade são indissociáveis Goffman (1985, p. 221 - 222) lembra que quando “[...] um indivíduo se apresenta diante de nós consciente ou inconscientemente projeta uma definição da situação, da qual uma parte importante é o conceito de si mesmo.” Compreendo, então, que, o dialógico é a auto-legitimação e a etnografia seja o estar entre esses olhares que se cruzam e convertem o entendimento de que as histórias de vida são como metas-narrativas que se lançam sobre o obscuro mundo da memória.

Este talvez tenha sido o maior desafio nesta pesquisa, pois pretendia relatar os acontecimentos que marcaram o Movimento através dos olhares das mulheres que viveram estes acontecimentos e era preciso dar voz e vez a estes atores/atrizes sociais, pois iria me deparar com os fantasmas de um tempo histórico não vivido (pelo pesquisador).

## **CRUZANDO OLHARES, ATRAVESSANDO FRONTEIRAS E OLHANDO COM CALMA**

Uma pesquisa do tipo etnográfica exige um trabalho de campo que pressupõe uma proximidade com as pessoas, situações e locais. Para tanto, ao compor o cenário da pesquisa utilizei a escuta sensível, através de entrevistas, para o processo de memorização dos sujeitos que vivenciaram o Movimento e fizemos uma exaustiva pesquisa documental e bibliográfica (consultando jornais, Diário Oficial do Estado da Bahia dentre outros documentos). A pesquisa, assim, não se constituiu apenas de um trabalho etnográfico, mas de um mosaico dos mais diferentes dispositivos da pesquisa

qualitativa. Contudo, aqui, tento com base no conhecimento de etnografia relatar as impressões do contato que tive com os sujeitos em diálogo.

Narrar como foram estes encontros requer partir da idéia de Lévi-Strauss (1970. p. 377) que comenta que a etnografia corresponde “aos primeiros estágios da pesquisa: observação e descrição do trabalho de campo”. Para em seguida nos ancorar em Clifford (1998, p. 20), quando comenta que no trabalho etnográfico a “[...] observação participante obriga seus praticantes a experimentar, tanto em termos físicos quanto intelectuais as vicissitudes da tradução” é fundamental criar coragem para as imprevisibilidades do que uma pesquisa qualitativa proporciona. Desse modo, lancei-me munido de um bloco de notas, gravador e canetas para um caminho ainda não navegado.

Assim, o primeiro passo foi entrar em contato com a direção da Sociedade Unificadora de Professores Primários (SUPP), na cidade de Salvador/BA, para ver o acervo documental, buscando uma forma de nos encontrar com os professores que fizeram o movimento de/pela sua criação. Para surpresa, a biblioteca da SUPP não dispunha de nenhum material que relatasse sua fundação: os únicos documentos que possuía eram os livros de Atas. Por um momento imaginei que a pesquisa seria inviável, pois não tinha como contactar com os professores que encontrei em uma palestra, no ano de 2004. Ainda, como surpresa, após sucessivas idas a SUPP consegui o contato (número telefônico) de uma ex-dirigente que morava na cidade de Itabuna/BA, esta através de uma conversa forneceu-me o contato com a idealizadora do Movimento.

Mesmo concordando com Clifford (1998, p. 55), quando comenta que os informantes “[...] são indivíduos específicos com nomes próprios reais – nomes que podem ser citados de forma modificada quando necessário”, por uma questão metodológica resolvemos aqui não creditar o nome das informantes. Embora, eles aparecem na dissertação de Mestrado intitulada: “Mulheres Professoras: memórias da organização docente”, defendida em 2006, no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), orientada pelo Prof. Dr. José Willington Germano.

Após um telefonema explicando do que tratava a pesquisa, tive o primeiro encontro com a professora idealizadora do Movimento em uma escola (mantida por ela) num bairro periférico da cidade de Salvador/BA. Esse encontro transformou-se num

grande desafio, pois não conhecia o bairro e era o meu primeiro contato com a professora.

Ao chegarmos ao bairro deparei-me com um emaranhado de vielas até o local indicado para o nosso encontro, uma escola comunitária mantida pela professora. Essa que era a minha única referência, pois em se tratando de um bairro carente as ruas não dispunham de nomes e as referencias para chegar ao local eram apenas nomes de padarias, mercadinhos e cores das casas. Era perceptível pela comunidade que eu seria um estranho no local pelos olhares ou talvez pelo medo visível de adentrar em um espaço ainda não freqüentado.

A maior surpresa era que quando ingressava nos estabelecimentos comerciais para pedir informações às pessoas me atendiam com presteza. Talvez porque perguntava por uma escola e imaginavam que seria mais um professor, pois o encontro foi no mês de fevereiro, período em que as escolas fazem seleção para seu quadro profissional.

Enfim, chego à Escola e me deparo com um prédio de dois andares perdido entre os casebres. O prédio era todo azulejado na sua fachada e gradeado. Na sua frente havia uma grande praça que imaginávamos um espaço propício para as crianças jogarem futebol, correr e brincarem. Após ser anunciado, fui conduzido para uma sala da diretoria da escola onde tive o primeiro contato com a professora e o que seria uma conversa sobre o movimento das professoras primárias transformou-se numa curiosidade do pesquisador em saber o porquê de uma senhora de oitenta anos ainda atuar como gestora de uma unidade educacional num bairro periférico. Aprendi muito naqueles instantes e principalmente, tivemos a noção de que o utópico sonho de mudar o mundo deve começar com gestos que modificam o jardim das nossas casas.

Foram exatamente três horas falando sobre a fundação da escola e o trabalho desenvolvido pela professora com/na e pela comunidade. Como o tempo passou rápido demais pela paixão com que a professora relatava tivemos a necessidade de remarcar outros encontros na mesma escola e depois em sua residência. A entrevista aconteceu num clima tranquilo exceto pelas saídas da professora para resolver problemas relacionados à escola, pelos constantes telefonemas e os olhares curiosos dos funcionários da escola que queriam saber quem eu era. Antes de me despedir a entrevistada forneceu-me o contato de outra professora que, também, vivenciou o

movimento. A marca deste encontro está no primeiro dos grandes desafios e conquistas que essa pesquisa nos proporcionou: despindo-nos dos medos, dos preconceitos e acima de tudo pela grande lição de vida.

Tive outros encontros com esta professora em sua residência e para nossa surpresa houve o estabelecimento de uma grande confiança, pois a professora nos tornou depositário de alguns documentos, fotografias e de um exemplar do Jornal produzido pela SUP, em 1948.

O encontro com a segunda professora foi um pouco mais tranquilo, pois se deu cercado de todo o conforto e comodidade da sua residência em um condomínio de classe média-alta na cidade do Salvador/BA. Bem falante, ela relatava a história do Movimento com muito entusiasmo e alegria – talvez por achar que estava sendo reconhecida pelo seu grande feito – como foram os acontecimentos que marcaram o Movimento das Professoras. Neste encontro, foi possível fazer algumas comparações entre os estilos de vida das professoras (sonhos e utopias), pois enquanto a primeira dedicava seu tempo em proporcionar o bem-estar ao próximo, essa segunda entrevistada, dedicava-se às atividades de lazer, cursos e freqüentava a Universidade da Terceira Idade. Como o encontro foi bem pontual e estava no lar da professora ele teve uma duração de três horas (vale frisar que inicialmente, o tempo previsto para os encontros era de uma hora, mas como os sujeitos em diálogos se entusiasmavam com a memorização ficava angustiada em fazer cortes nesse processo, pois via o quanto era gratificante para eles relatarem à história de suas vidas).

Esse encontro foi muito mais além dos fatos e acontecimentos que marcaram o Movimento das Professoras: ele constituiu-se num processo de memorização, também de vida pessoal. Em alguns momentos, a professora levantava-se para atender às chamadas telefônicas, coordenar os trabalhos da sua residência e para pegar fotografias que dispunha para mostrar-me. Sua história de professora/esposa/mãe/filha estava entrelaçada a história do Movimento. Foi nesse período que ela teve sua primeira filha e teve que saber lidar com os papéis distintos de mãe/mulher/professora e com os desafios em ser a primeira presidente da SUPP.

Outro encontro marcante que tive foi com uma professora que vivia em abrigo para idosos. Foi a primeira vez que estive em um espaço dessa natureza. Apesar de ser um



local bem centralizado tivemos certa dificuldade para chegar, pois não sabíamos o endereço certo; apenas o nome do Abrigo. Depois de idas e vindas pelo bairro da Saúde, em Salvador/BA, o encontramos. Fui conduzido, inicialmente, a uma conversa com uma Assistente Social responsável pelo Abrigo que nos informou sobre o estado de saúde da professora e sobre as dificuldades que ela teria em rememorar acontecimentos. Mesmo assim, insistimos em conhecer a professora. Após esperar pela entrevistada que assistia a uma missa (numa Capela da Igreja Católica – que fica no espaço interno do Abrigo) fui apresentado à professora que realmente não se lembrava de nenhum acontecimento vivido. Enquanto esperava a missa acabar, fiquei observando o local que aparentemente é bonito, bem cuidado e tranquilo. Mas, confesso que ao ver os idosos que ali viviam deu certa angústia e medo que talvez só uma terapia para desvelar meus sentimentos. Após um breve contato com essa professora saí do Abrigo com um sentimento de frustração, não como pesquisador, mas como pessoa por sentir que uma pessoa que ajudou tanta gente a crescer com a partilha dos seus conhecimentos e cuidados estava ali quase que isolada do mundo.

O quarto encontro foi também, no bairro da Saúde, em Salvador/BA, com uma professora que atuava no interior da Bahia, na época do Movimento, ao chegar à sua residência que se confundia com uma escola. Pois na frente era uma escola e no fundo era a residência da professora tive a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre o processo de formação das professoras primárias da época. Ao final da entrevista veio uma grande surpresa, pois a professora convidou-me para conhecer sua residência que é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico. Além da beleza dos azulejos portugueses da cozinha mostrou o banheiro da residência que tem uma banheira, do século XVII, que segundo a professora fora utilizada pela baronesa de Sauípe.

O quinto encontro aconteceu com a professora no seu local de trabalho, vale lembrar que com oitenta e três anos ela, ainda é servidora pública do estado da Bahia. Como o encontro foi no seu ambiente de trabalho não pude alongar muito a entrevista. O local estava bem freqüentado e tínhamos que ser bem precisos nas questões. E, também, parecia que a professora não se sentia muito à vontade em relatar os acontecimentos que vivenciara, pois o tempo todo dizia que tinha vontade de um dia escrever suas memórias e publicar um livro. Entendemos que estava me deparando com uma possível possessão de conhecimentos e que não seria do agrado dela socializar suas experiências. Às vezes,

numa pesquisa que tem a história oral e a memória como metodologia, o pesquisador se depara com informantes que por receio ou medo não se sentem à vontade para relatar suas memórias ou socializar seus conhecimentos; talvez seja essa a lição prática que vivenciei neste encontro.

Nosso sexto encontro foi com outra professora que atuava no interior do Estado na época. Inicialmente nos encontramos em seu estabelecimento comercial no centro da cidade de Salvador/BA e após alguns minutos ela convidou-me para ir à sua residência em outro bairro, pois se sentiria mais à vontade lá. Concordei e fui com ela à sua residência. Um apartamento bem decorado num bairro de classe média-alta da cidade. Esse foi um momento interessante, pois quando iniciei a entrevista percebi o porque da professora querer que a entrevista acontecesse em sua residência. Ela lembrou dos acontecimentos que marcaram sua vida pessoal e profissional dos anos de 1947 até o período de 1965. Foi uma entrevista cheia de recordações de um tempo histórico nebuloso para a história do Brasil. A professora relatou que esteve até presa por fazer parte de uma associação. Coisa que naquele período era considerado subversão.

Concordo com Clifford (1998, p. 38), quando comenta que “[...] um etnógrafo acumula conhecimentos pessoais sobre o campo”, pois nessa pesquisa nossos olhares (ou o que eles conseguiram captar) se cruzaram com as histórias de vidas desses personagens que vivenciaram e fizeram uma história/memória que é contada no trabalho acadêmico já referido. Esta pesquisa, portanto, constituiu-se de uma lição de e para a vida; na qual estão imersos: histórias de vidas, história do patrimônio cultural (material e imaterial), saúde do trabalhador, de entrelaçamentos de olhares de pessoas que são apaixonadas pelo ofício de ser professor.

## **CONSIDERAÇÕES**

Sabe-se que a pesquisa etnográfica é um método antigo que vem atravessando séculos e sendo aplicado nas mais diversas áreas do conhecimento inclusive, na da educação. Inicialmente, possuía caráter de descrição histórico, restringindo-se à investigação da cultura de civilizações ditas exóticas. Mas a investigação cultural, no

início, considerava apenas os objetos manufaturados, desvalorizando a relação interpessoal, o pensamento, o comportamento humano e suas histórias de vida.

Ao adentrar no cenário urbano, e conseqüentemente no educacional a etnografia passou por períodos críticos conhecidos como as revoluções da etnografia. Alguns pesquisadores ainda consideram o método etnográfico de difícil aplicação e inadequado o uso do termo pesquisa etnográfica para estudos realizados em ambiente urbano, com pessoas comuns, que falam nosso idioma, e em lugares públicos. A minha proposta aqui foi a de abordar como se deu o cruzamento de olhares para pesquisar o Movimento das Professoras Primárias, na Bahia, no ano de 1947, com o auxílio das vozes dos sujeitos dialógicos. Para tanto, ficam as reflexões a respeito de sua aplicação nos nossos dias e em nossas vidas cotidianas, para o desvelamento de experiências ainda não registradas.

Ao pesquisar o Movimento das Professoras imagino que esse trabalho só foi possível porque nos lançamos aos mais diversos dispositivos da pesquisa qualitativa para adentrar no universo do objeto. A etnografia permitiu um apuramento do olhar para que conseguíssemos ao mesmo tempo em que, escutávamos observar os cenários, as pessoas, as alegorias e a *performace* dos sujeitos em diálogo para que pudéssemos estar atentos às *interfaces* da conversação dos sujeitos em diálogo, com os espaços em que estavam inseridos.

Informo, ainda, que a descrição de um trabalho de pesquisa com enfoque etnográfico é como se fosse um relato de nossas experiências de vida, sempre um processo muito difícil que requer uma reflexão mais apurada, habilidades e clareza na descrição, de tal forma que permita fazer com que o leitor observe nas palavras expressas os acontecimentos, os comportamentos, os processos sociais e os contextos com vivências e experiências dos sujeitos. Então, essa foi uma tentativa de mesclar essas características da pesquisa etnográfica a um trabalho que não vislumbrava, tampouco tinha a pretensão de o ser – etnográfico, mas que de certo modo foi.

## REFERÊNCIAS

BERREMAN, Gerald D. Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia. *In.* GUIMARÃES, Alba Zaluar. **Desvendando máscaras sociais**. 3 ed. Livraria Francisco Alves Editora, 1990. p. 123 – 174.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O sentido do saber. *In.* **A educação como cultura**. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 86 – 113.

CALDAS (a), Alberto Lins. **Oralidade, Texto e História: para ler a história oral**. Loyola, São Paulo, 1999.

CARDOSO, Ruth. **A aventura antropológica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CLIFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e licenciatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.

COPANS, Jeans. **Críticas e políticas da antropologia**. Lisboa: Edições 70, 1981.

CORREIA, Mariza. A antropologia no Brasil (1960-1980). *In.* MICELI, Sérgio (Org.). **História das ciências sociais no Brasil**. v.2, São Paulo: Sumaré, FAPESP, 1995.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil**. São Paulo: Brasiliense/ EDUSP, 1986

DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. Ensaio teórico sobre as relações estabelecidos-outsiders. *In.* **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

EUGENIO, Fernanda. De como olhar onde não se vê: ser antropóloga e ser tia em uma escola especializada para crianças cegas. *In.* VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Orgs.). **Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

FERREIRA, Manuela. Os estranhos “sabores” da perplexidade numa etnografia com crianças em Jardim de Infância. *In.* CARIA, Telmo H. **Experiência etnográfica em Ciências Sociais**. Porto: Afrontamento, 2003. (Coleção Biblioteca das Ciências do Homem/ Antropologia/7).

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Trad. Rosisca Darcy de Oliveira. 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários á prática educativa. 27 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.

KUPER, Adam. **Antropólogos e antropologia**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978

LABURTHE-TOLRA, Philippe; WARNIER, Jean-Pierre. **Etnologia, Antropologia**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1988

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

MORIN, Edgar. **A Cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento, Trad. Eloá Jacobina, 9. ed, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_. **O Método 3**: a consciência do conhecimento. Trad. Juremir Machado da Silva, 2. ed, Porto Alegre, Sulina, 2003.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Sobre o pensamento antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.

QUINTELLA, Maria Madalena Diégues. Mães e professoras: múltiplas visões da educação. *In*: ROCHA, Everaldo P. Guimarães; VEIGA, Roberto de Magalhães;

QUINTELLA, Maria Madalena Diegues; *et. al.* **Testemunha ocular**; textos de antropologia social do cotidiano. São Paulo: Ed Brasiliense, 1984. p. 61 – 80.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. A interioridade da experiência temporal como condição da produção etnográfica. *In*: ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre; Editora da UFRGS, 2005. (Coleção academia II).

SAHLINS, Marshall David. Experiência individual e ordem cultural. *In*: **Cultura na prática**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2004. p. 301 – 316.

SANTOS JÚNIOR, Alcides Leão. **Mulheres Professoras**: memórias da organização docente. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

SPERBER, Dan. **O saber dos antropólogos**. Lisboa: Edições 70, 1992.